

Dossiê

Juventudes evangélicas e religião em rede: territorialidades e disputas de sentidos na universidade pública

DOI: <https://doi.org/10.14244/agenda.2025.2.5>

 Victor Hugo Nedel Oliveira

Doutor em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Professor Adjunto e Pesquisador do Departamento de Geografia e do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). É líder do GEPJUVE - Grupo de Estudos e Pesquisas em Juventudes e Educação (UFRGS/CNPq).

E-mail: victor.nedel@ufrgs.br

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-5624-8476>

118

RESUMO: O artigo analisa o movimento Aviva Universitário como expressão das juventudes evangélicas brasileiras no espaço acadêmico. A pesquisa, de caráter qualitativo e exploratório, configura-se como estudo de caso a partir das postagens do perfil oficial do movimento no Instagram, referentes a atividades realizadas em seis universidades públicas. A análise combinou procedimentos de conteúdo, discursivos e estéticos digitais, evidenciando como o Aviva mobiliza temporalidades, espacialidades, símbolos visuais, performances corporais, narrativas textuais e recursos musicais para afirmar uma identidade juvenil evangélica. Os resultados revelam disputas pela definição dos sentidos da universidade pública, tensões entre laicidade e religiosidade, bem como a centralidade das redes sociais na constituição de comunidades juvenis religiosas. O estudo contribui para compreender a emergência das juventudes conservadoras no Brasil, iluminando sua atuação nos territórios universitários e suas implicações para o debate democrático contemporâneo.

PALAVRAS-CHAVE: Juventudes evangélicas; Universidade pública; Religião; Redes sociais; Disputas de sentidos.

Recebido em: 30/08/2025

Aprovado em: 23/03/2026



Este é um artigo publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença *Creative Commons Attribution*, que permite uso, distribuição e reprodução em qualquer meio, sem restrições desde que o trabalho original seja corretamente citado.

1 Introdução

Nos últimos anos, as juventudes conservadoras têm emergido como atores políticos e culturais de destaque na América Latina. Esse fenômeno tem despertado crescente interesse acadêmico, uma vez que contrasta com a imagem historicamente associada à juventude como protagonista de movimentos progressistas e de transformação social. Pesquisas recentes indicam que o avanço de agendas conservadoras entre os jovens está relacionado tanto a reações às pautas progressistas em temas como gênero, sexualidade e família (Araújo; Perez, 2025), quanto a um desencanto com experiências de governos de esquerda e suas políticas econômicas (Vommaro, 2023). Nesse contexto, a religião, em especial as igrejas evangélicas, aparece como um dos principais vetores de socialização política e de fortalecimento de identidades conservadoras, mobilizando jovens em torno de valores morais e de narrativas que se pretendem contra-hegemônicas (Antonello, 2023).

Ao mesmo tempo, as redes sociais digitais tornaram-se um espaço central na formação política contemporânea. Plataformas como *Instagram*, *TikTok* e *YouTube* funcionam como meios de comunicação e também como arenas de disputa simbólica e ideológica. Estudos demonstram que essas redes operam como mediadoras da participação política, estimulando a circulação de discursos polarizados e emocionalmente carregados (Medeiros, 2013; Dias; Doula; Cardoso, 2017). No caso das juventudes conservadoras, a internet desempenha papel fundamental na criação de comunidades digitais que reforçam pertencimentos identitários e possibilitam a articulação entre fé, moralidade e política (Godinho; Carvalho; Souza, 2014).

119

Nesse cenário, as universidades públicas latino-americanas assumem um lugar estratégico. Historicamente associadas ao pensamento crítico e a movimentos estudantis progressistas, elas se constituem como espaços de contestação social e política. Entretanto, nos últimos anos, também têm se tornado alvo de disputas por parte de grupos que se identificam com agendas conservadoras, frequentemente associadas ao cristianismo evangélico (Weller; Bassalo, 2020). A presença de coletivos religiosos organizados em universidades indica uma reconfiguração do campo político-juvenil, no qual a espiritualidade passa a ser mobilizada como forma de resistência moral, de pertencimento comunitário e, em muitos casos, de alinhamento com pautas conservadoras.

O movimento Aviva Universitário insere-se exatamente nesse contexto. Trata-se de uma mobilização cristã evangélica que atua em universidades brasileiras por meio de encontros, cultos, e atividades de evangelização voltadas a estudantes até o momento, de universidades públicas. Sua atuação extrapola os limites presenciais, sendo amplamente divulgada e potencializada pelas redes sociais, especialmente o Instagram. Essa plataforma funciona como uma vitrine do movimento, na qual são compartilhadas imagens e narrativas das atividades realizadas em instituições como a Universidade de São Paulo (USP), a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), a Universidade de Brasília (UnB), a Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), a Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e a Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Assim, o Aviva

Universitário pode ser compreendido como uma expressão das juventudes conservadoras evangélicas brasileiras, que articula religião, identidade juvenil e disputas políticas no espaço acadêmico.

A motivação inicial para este estudo emergiu da experiência vivida recentemente na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Em agosto de 2025, um culto promovido pelo Aviva na UFRGS gerou tensões institucionais, resultando na proibição de uso de espaços internos e no deslocamento da atividade para a área externa do Campus do Vale da instituição. O episódio mobilizou debates públicos sobre laicidade, autonomia estudantil e liberdade religiosa, sendo amplamente discutido em conselhos acadêmicos e veículos de imprensa locais. Essa experiência, longe de ser isolada, insere-se em um processo mais amplo de disputas pela definição dos usos legítimos do espaço universitário.

A problematização que orienta este artigo parte, portanto, da seguinte questão central: como o Aviva Universitário se apresenta e constrói discursos no espaço acadêmico, articulando religião e juventude na vida universitária? Para respondê-la, propomos analisar publicações realizadas pelo movimento no Instagram que narram atividades em universidades públicas brasileiras. Partimos da premissa de que as redes sociais, mais do que documentar eventos, funcionam como arenas de produção de sentidos, nas quais se constroem representações sobre juventude, fé, universidade e política.

Do ponto de vista teórico, este trabalho dialoga com diferentes eixos de reflexão. Em primeiro lugar, recorre ao debate sobre juventudes conservadoras, entendidas como grupos juvenis que, em maior ou menor medida, se articulam em torno de valores tradicionais, morais e religiosos, frequentemente em oposição a pautas progressistas (Perez; Araújo, 2023). Em segundo lugar, mobiliza a literatura sobre religião e juventude, que destaca como as igrejas e movimentos religiosos funcionam como instâncias de socialização, produção de identidade e formação política entre jovens (Novaes, 2018; Sofiati, 2023). Por fim, apoia-se nos estudos sobre cultura digital e política, que sublinham a centralidade das redes sociais na criação de comunidades afetivas, na difusão de discursos polarizados e na reorganização das formas de participação juvenil (Quijano, 2018).

A relevância deste estudo se manifesta em duas dimensões complementares. No plano acadêmico, contribui para ampliar a compreensão sobre as juventudes evangélicas conservadoras no Brasil e na América Latina, analisando um caso específico que ainda carece de investigação sistemática: o Aviva Universitário. Ao fazê-lo, busca-se superar simplificações e estereótipos, entendendo essas juventudes como atores políticos e sociais complexos. No plano social e político, a pesquisa adquire relevância por iluminar uma dinâmica que afeta diretamente a vida universitária e o debate democrático: a inserção de coletivos religiosos conservadores em universidades públicas, disputando valores, narrativas e sentidos com movimentos estudantis progressistas.

O objetivo geral do artigo é analisar como o Aviva Universitário se apresenta e mobiliza narrativas conservadoras no espaço universitário brasileiro, a partir de suas postagens no *Instagram*. Especificamente, pretende-se: a) identificar os principais temas e pautas mobilizados nas publicações; b) compreender como o movimento constrói narrativas sobre juventude, universidade e moralidade; e

c) avaliar as implicações dessa presença para a compreensão das juventudes conservadoras na América Latina. Para tanto, o artigo organiza-se em quatro seções: além desta introdução, apresenta-se a metodologia da pesquisa; em seguida, desenvolve-se a análise das postagens selecionadas, com a discussão dos resultados à luz da literatura teórica; e, por fim, são apresentadas as considerações finais.

2 Metodologia

A pesquisa adota uma abordagem qualitativa (Flick, 2009), de caráter exploratório, com o objetivo de compreender como o movimento Aviva Universitário se apresenta e mobiliza discursos no espaço acadêmico brasileiro. O estudo se configura como um estudo de caso (Ventura, 2007), tendo como objeto empírico as postagens selecionadas nos destaques do perfil oficial do Aviva Universitário no Instagram, em que são narradas atividades realizadas em universidades públicas brasileiras, especificamente: a Universidade de São Paulo (USP), a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), a Universidade de Brasília (UnB), a Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), a Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e a Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).

O recorte em seis universidades situadas na região Sul-Sudeste e no DF deve-se ao fato de que, no período de coleta dos dados, apenas essas instituições apareciam com registros organizados nos ‘destaques’ do perfil do Aviva Universitário. Trata-se também de universidades de grande porte e alta visibilidade pública, frequentemente mobilizadas como referências nacionais, o que contribui para compreender como o movimento busca legitimar sua atuação. Reconhece-se, contudo, que o Aviva está presente em outras regiões e instituições do país (como Universidade Federal de Goiás – UFG, no Centro-Oeste; Universidade Estadual de Montes Claros – MG; Universidade Federal do Pará – UFPA, no Norte e Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB, no Nordeste, tema que deverá ser aprofundado em pesquisas futuras.

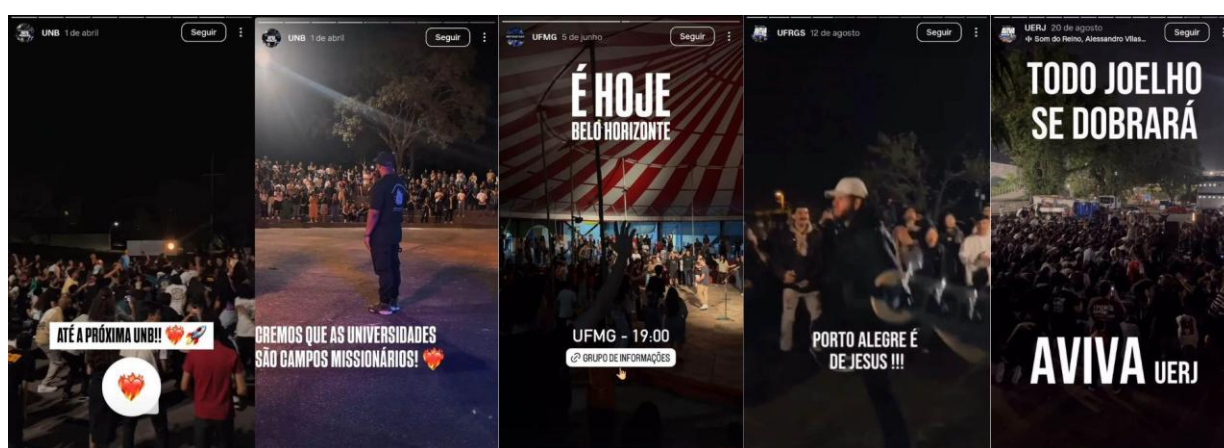
A escolha pelo *Instagram* como fonte de análise justifica-se por duas razões principais. Em primeiro lugar, trata-se de uma das plataformas digitais mais utilizadas por jovens brasileiros, desempenhando um papel central na socialização, na formação de identidades e no engajamento político contemporâneo (Hage; Kublikowski, 2019). Em segundo lugar, o próprio Aviva Universitário se utiliza intensamente dessa rede social para construir sua imagem pública, divulgar atividades presenciais e fortalecer um senso de comunidade entre estudantes universitários. Assim, as postagens analisadas se configuram como registros de eventos, bem como narrativas estratégicas que articulam religião, juventude e conservadorismo em um espaço de disputa simbólica relevante, como é o caso da universidade.

A coleta de dados consistiu no levantamento e registro das publicações elencadas como “destaques” do perfil do Aviva Universitário no Instagram que fazem menção direta a atividades realizadas nas universidades supracitadas. Cada postagem foi sistematicamente documentada em termos de: (a), temporalidade, espacialidade e características gerais; (b) conteúdo visual (fotografias,

vídeos, cores, símbolos religiosos e identitários) e (c) conteúdo textual (legendas, hashtags, citações bíblicas, slogans).

Para fins de transparência metodológica e de visualização do corpus analisado, inclui-se abaixo uma colagem contendo algumas das publicações selecionadas a partir do perfil oficial do Aviva Universitário no Instagram. Essas imagens foram escolhidas por concentrarem os elementos visuais, textuais e simbólicos que estruturam a narrativa pública do movimento, permitindo ao leitor acompanhar os sentidos produzidos pelas postagens e dialogar com as interpretações apresentadas ao longo da análise.

Figura 1 – Exemplos dos stories selecionados para análise



Fonte: perfil @avivauniversitario no Instagram (2025).

A análise foi conduzida a partir da combinação de três procedimentos complementares. Primeiramente, realizou-se uma análise de conteúdo (Bardin, 2016), com categorização das postagens em eixos temáticos, tais como: espiritualidade, moralidade, juventude, identidade universitária e pautas políticas. Em segundo lugar, aplicou-se uma análise discursiva, voltada a identificar como são construídas as narrativas sobre juventude cristã, pertencimento comunitário, resistência moral e disputas simbólicas em torno da universidade. Por fim, foi realizada uma análise estética digital, examinando como os recursos visuais, a identidade gráfica, as *hashtags* e a estética das postagens reforçam a mobilização e a construção de uma comunidade juvenil conservadora.

O recorte empírico em torno das atividades realizadas nas universidades públicas selecionadas permite observar como o Aviva Universitário se insere em instituições historicamente associadas à produção de pensamento crítico e à mobilização estudantil progressista. Essa presença é especialmente significativa, pois evidencia uma disputa de sentidos dentro do espaço universitário, onde a religião e o conservadorismo são ressignificados como práticas de engajamento juvenil.

Reconhecem-se, entretanto, algumas limitações do estudo. Por tratar-se de uma análise de publicações disponíveis em redes sociais, não são captadas as percepções individuais dos participantes nem a totalidade das práticas presenciais que ocorrem fora do ambiente digital. A investigação

concentra-se nas representações e narrativas produzidas pelo próprio movimento, assumindo que essas constituem um recorte relevante para compreender a autoimagem e as estratégias de mobilização das juventudes evangélicas no Brasil.

No que diz respeito às questões éticas, ressalta-se que a pesquisa se baseia exclusivamente em materiais públicos disponíveis no perfil oficial do Aviva Universitário no Instagram, sem recorrer a informações de caráter privado ou restrito. As análises concentram-se nas narrativas institucionais do movimento, sem identificação individualizada dos participantes retratados nas imagens ou comentários. Desse modo, preserva-se a privacidade dos sujeitos, tratando-os como parte de um coletivo e respeitando a dimensão pública da exposição digital. Além disso, a interpretação dos dados busca evitar julgamentos morais ou estigmatizações, privilegiando uma análise crítica e acadêmica sobre os sentidos e significados produzidos nas postagens.

3 Resultados e discussão

3.1 Temporalidade, espacialidade e características gerais

A análise dos destaques do perfil do Aviva Universitário no Instagram evidencia que a temporalidade das postagens apresenta um padrão de concentração em torno da data de realização dos eventos, com variações significativas entre as universidades observadas. A Universidade de São Paulo (USP), por exemplo, divulgou apenas um story antecipando a realização do culto e concentrou as demais publicações no próprio dia da atividade, em 22 de abril de 2025, totalizando dez registros digitais. Dinâmica semelhante pode ser observada na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), que reuniu dezesseis postagens exclusivamente no dia 15 de maio de 2025, quando ocorreu o evento no campus do Fundão. Já a Universidade de Brasília (UnB) apresentou maior antecipação comunicacional: entre 25 de março e 1º de abril de 2025, registraram-se nove stories, sendo que o primeiro anunciava a data do culto e direcionava os interessados para um grupo de *WhatsApp*, evidenciando a articulação entre diferentes plataformas digitais para mobilização.

No caso da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), observa-se um número reduzido de registros, restritos a apenas dois stories – um anúncio prévio em 2 de junho de 2025 e um lembrete no próprio dia do culto, 5 de junho. Essa baixa intensidade contrasta fortemente com a Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), que concentrou onze publicações no dia 12 de agosto de 2025, todas voltadas ao evento que, diferentemente das demais instituições, ocorreu fora do espaço interno da universidade, em frente ao campus do Vale. Já a Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) apresentou o conjunto mais diversificado e extenso de registros, somando quatorze stories entre 18 e 20 de agosto de 2025. Nesse caso, além das postagens de anúncio e da cobertura no dia do culto, destacam-se ainda quatro stories no dia seguinte, incluindo a divulgação de um encontro posterior denominado “Aviva Plus”, em um restaurante, que prolongou a dimensão comunitária do evento para além dos limites institucionais e digitais.

De acordo com os resultados do Censo Demográfico (IBGE, 2022), a composição religiosa brasileira passa por transformações significativas que ajudam a contextualizar a presença do Aviva Universitário nas instituições analisadas. Nacionalmente, os evangélicos representam 31% da população, aproximando-se dos católicos (em queda para 51%), enquanto o grupo “sem religião” alcança 12%, o maior crescimento proporcional desde o Censo de 2010. As regiões Sudeste e Sul, onde se localizam as seis universidades contempladas neste estudo, apresentam perfis diferenciados: o Sudeste mantém-se como a região com maior pluralidade religiosa, marcada pelo crescimento contínuo dos evangélicos, ao passo que o Sul permanece majoritariamente católico (62,4%), embora também registre aumento significativo do segmento evangélico. Esse cenário reforça que as atividades do Aviva Universitário ocorrem em contextos urbanos caracterizados por crescente diversidade religiosa e por reorganizações recentes no campo evangélico, ampliando a disputa por visibilidade e legitimidade no espaço público, incluindo o espaço universitário.

Esses dados permitem destacar, em primeiro lugar, que a temporalidade das publicações não segue um padrão uniforme. Em algumas universidades, a comunicação digital foi pontual e concentrada apenas no dia do evento (UFRJ, UFRGS), enquanto em outras se observou uma preparação antecipada que mobilizou estratégias adicionais de engajamento, como convites para grupos de *WhatsApp* (UnB, UFMG, UERJ). Essa diferença sugere a coexistência de modelos de divulgação mais centralizados e intensos, por um lado, e mais difusos e prolongados, por outro, os quais podem estar relacionados tanto ao grau de organização local do movimento quanto ao tipo de inserção que cada núcleo possui nas universidades.

No que se refere à espacialidade, verifica-se que em cinco das seis universidades analisadas os cultos foram realizados dentro dos espaços universitários, em locais de forte visibilidade, como a Praça do Relógio (USP), o Teatro de Arena (UnB) e a Praça de Serviços (UFMG). A única exceção ocorreu na UFRGS, onde a administração da instituição proibiu a realização da atividade em ambientes internos, deslocando-a para a rua em frente ao campus do Vale. Esse episódio, que gerou tensões e debates (Santos, 2025), torna-se emblemático da disputa em torno do uso do espaço público universitário por coletivos religiosos, tensionando os limites entre laicidade institucional, liberdade religiosa e autonomia estudantil.

A análise da temporalidade e espacialidade das postagens permite compreender o Aviva Universitário como um movimento recente, mas já dotado de estratégias múltiplas de mobilização e presença digital. A escolha por universidades públicas, a centralidade dos cultos noturnos e a utilização intensiva do *Instagram* – muitas vezes em articulação com o *WhatsApp* – revelam uma dinâmica de inserção que combina visibilidade, territorialidade e identidade juvenil, projetando a religião evangélica como elemento de disputa simbólica e política no espaço acadêmico. Esse quadro dialoga com a literatura que reconhece a universidade como território privilegiado de disputas ideológicas e de formação de identidades coletivas juvenis (Foracchi, 1965; Novaes, 2004). Se por um lado tais instituições foram historicamente associadas à crítica social e à militância estudantil progressista, por outro, sua ocupação por coletivos religiosos conservadores aponta para um processo de reconfiguração

no campo político-juvenil, no qual a espiritualidade e a moralidade passam a ser mobilizadas como novos recursos de engajamento (Berkenbrock; Costa, 2018).

Outro aspecto que merece destaque é a concentração temporal dos cultos no período noturno. Todas as atividades analisadas ocorreram à noite, o que abre diferentes hipóteses interpretativas. De um lado, pode-se considerar que a realização em horários próximos das aulas busca facilitar a participação de estudantes trabalhadores, ampliando o público potencial. De outro, a dimensão noturna pode estar associada a uma estética de culto que valoriza a performance musical e audiovisual, reforçada pela iluminação artificial e pelos recursos visuais característicos de eventos religiosos contemporâneos. Há ainda a possibilidade de que o período noturno facilite a logística de acesso aos espaços, uma vez que parte da comunidade acadêmica já se encontra em menor fluxo, o que reduziria resistências e permitiria maior controle das atividades.

A ênfase nos cultos noturnos, que, ao mesmo tempo em que respondem a lógicas pragmáticas de maior adesão dos estudantes, também dialogam com uma estética contemporânea de culto jovem, marcada por forte apelo audiovisual e musical. A literatura sobre religião e juventude tem destacado como a forma dos eventos é tão relevante quanto o conteúdo das mensagens, na medida em que gera experiências sensoriais e afetivas de pertencimento coletivo (Giumbelli, 2018). O Aviva Universitário, nesse aspecto, insere-se em uma tradição de mobilizações evangélicas que investem na experiência estética da fé como dispositivo de agregação juvenil e de resignificação de espaços públicos.

Cabe observar ainda que todos os eventos se concentraram em universidades públicas. A ausência de registros em instituições privadas pode ser explicada por múltiplos fatores: desde a menor visibilidade simbólica e política dessas instituições no debate nacional até questões práticas de acesso e resistência institucional. O fato de o movimento ter surgido há menos de um ano – considerando que seu primeiro post no Instagram data de 19 de agosto de 2024 – reforça a ideia de que ainda se encontra em fase inicial de expansão, priorizando universidades públicas de grande relevância e visibilidade.

A concentração das atividades em universidades públicas de grande porte sugere que a visibilidade simbólica desempenha papel central na estratégia do movimento. Estudos sobre juventudes religiosas indicam que a presença em espaços de prestígio social amplia o alcance da mensagem e confere legitimidade à prática religiosa juvenil, projetando-a para além das fronteiras do espaço eclesial (Novaes, 2012). Nesse sentido, a ocupação dos campi universitários pelo Aviva Universitário pode ser interpretada como uma forma de “contrauso” (Leite, 2002) do espaço acadêmico, tensionando sua função tradicional de produção crítica e transformando-o em palco de performatividade religiosa.

Ao privilegiar a circulação de conteúdos em plataformas digitais, o movimento reafirma o papel central das redes sociais na constituição de comunidades religiosas juvenis, fenômeno já destacado por autores que analisam a interseção entre cultura digital e religião (Sbardelotto, 2014). O *Instagram*, ao lado do *WhatsApp*, opera como meio de divulgação e também como arena de construção identitária, na qual se articulam juventude, fé e conservadorismo em narrativas que disputam legitimidade com outras formas de engajamento político e cultural no espaço universitário.

3.2 Conteúdo visual

A análise do conteúdo visual das postagens do Aviva Universitário permite observar como a estética, as imagens e os símbolos mobilizados nos stories do Instagram registram os eventos e constituem narrativas que articulam juventude, religiosidade e pertencimento no espaço universitário. As fotografias, vídeos, cores e ícones identitários reforçam sentidos específicos e cumprem papel estratégico na criação de uma atmosfera de engajamento coletivo.

No caso da Universidade de São Paulo (USP), a primeira publicação é significativa: uma colagem de jovens com microfones e megafones, em expressões emocionais diversas – alguns chorando, outros com mãos erguidas – acompanhada de música gospel. A montagem sintetiza uma estética juvenil que combina militância, emoção e fé, ao mesmo tempo em que projeta o culto como experiência transformadora. Os stories seguintes, compostos majoritariamente por vídeos, exibem tanto os bastidores (o anúncio do líder no “heliponto”, os preparativos, as entrevistas) quanto o culto em si, com jovens em oração, ajoelhados e em êxtase musical. Aqui, a dimensão da performance é central: a música, os gestos corporais e a encenação visual constroem uma narrativa de intensidade espiritual, que remete ao que Costa (2014) denomina de “estética do culto jovem”, em que a forma e a experiência sensorial são tão relevantes quanto a mensagem pregada.

Na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), os registros visuais destacam símbolos identitários fortes. O primeiro story apresenta uma vista aérea do Rio de Janeiro, com o Cristo Redentor ao fundo, imediatamente vinculando a religiosidade evangélica a um marco reconhecidamente católico e nacionalmente reconhecido, ressignificando-o como ícone de pertencimento cristão. Outro elemento simbólico é a bandeira do estado do Rio de Janeiro, empunhada por um jovem durante o culto, sinalizando a imbricação entre religiosidade, identidade territorial e juventude. O culto noturno, em espaço pouco iluminado, gera uma estética particular: corpos em movimento, mãos erguidas, gestos de acolhida e intercessão, que evidenciam o caráter afetivo e comunitário da experiência (Giumbelli, 2014).

A Universidade de Brasília (UnB) exibe uma forte valorização da coletividade no enquadramento visual. O primeiro vídeo panorâmico mostra uma quantidade significativa de jovens em formato de arena, distribuída em arquibancada, cantando e aplaudindo em uníssono. Outros stories destacam jovens em performance introspectiva ao som de saxofone, imagens de oração, intercessão e do líder pregando. A alternância entre momentos de exaltação coletiva e introspecção musical remete à dimensão polifônica da experiência religiosa juvenil, onde a fé é vivida tanto como festa quanto como silêncio. Essa oscilação reforça a análise de Mezzomo *et al.* (2020), para quem as juventudes constroem sociabilidades híbridas, transitando entre celebração pública e espiritualidade íntima.

Na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), a presença visual é reduzida, restringindo-se a colagens de tons azuis para chamar o evento e a reprodução de culto em outra universidade. Aqui, o uso de cores se destaca como recurso identitário, mas a ausência de registros próprios do culto sugere tanto uma menor intensidade local quanto um padrão de comunicação ainda em formação.

A Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) apresenta uma estética mais diversificada: vídeos do líder, bastidores, entrevistas com jovens respondendo em uma palavra o que “Deus fará hoje”, seguidos por registros do culto com música, pregação e expressões corporais intensas (pulando, cantando, orando). A construção discursiva por meio da estética audiovisual reforça a dimensão da expectativa e da experiência vivida, evidenciando como a própria juventude se torna protagonista da narrativa religiosa.

Por fim, na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), evento mais recente analisado, a narrativa visual é mais completa, articulando anúncio, preparativos, culto e confraternização. Além das imagens do culto – jovens em oração, cantando, ajoelhados diante do líder – há registros posteriores em restaurante e na venda de produtos (como moletons), prolongando o culto para além do espaço sagrado e do campus universitário. Tal ampliação da experiência revela a dimensão comunitária do movimento, que se desdobra em práticas de sociabilidade e consumo, aproximando-se do que Campbell e Tsuria (2022) identificam como “religião digitalizada”, na qual os limites entre fé, identidade e mercado se tornam fluidos.

Ao sistematizar esses dados, é possível identificar categorias visuais recorrentes que atravessam os diferentes contextos universitários. A primeira delas refere-se aos símbolos territoriais e religiosos, como a presença do Cristo Redentor nas imagens do Rio de Janeiro, a bandeira estadual empunhada por jovens ou o uso de paletas de cores específicas (como os tons azuis na UFMG). Esses elementos projetam uma dimensão de pertencimento identitário que não se restringe à fé, mas se articula com territorialidades regionais e nacionais. Tal associação entre religiosidade e símbolos coletivos reforça a ideia de que o Aviva Universitário busca não apenas ocupar o espaço físico das universidades, mas também reivindicar um espaço simbólico de representação social e política. Como sugere Leitão (2022), a apropriação de signos culturais amplamente reconhecidos é uma estratégia frequente em movimentos religiosos que buscam visibilidade pública e legitimidade social.

Uma segunda categoria diz respeito à gestualidade corporal: mãos erguidas, jovens ajoelhados, lágrimas, abraços com imposição de mãos. Essas expressões, recorrentes em todas as universidades, produzem uma linguagem visual que comunica intensidade espiritual e afeto comunitário. A literatura sobre religião e juventude tem destacado que tais gestos podem ser interpretados para além de manifestações emocionais individuais, mas como práticas socialmente aprendidas e partilhadas, que produzem reconhecimento mútuo e consolidam a identidade coletiva (Giumbelli, 2014; 2018). O corpo, nesse contexto, torna-se veículo de pertença e performatividade, funcionando como “texto visível” da experiência religiosa juvenil.

Outro eixo central é a experiência musical e estética, marcada pela forte presença de bandas, instrumentos, cânticos coletivos e alternância entre momentos festivos e introspectivos. Essa dimensão musical conecta-se a uma tradição das igrejas evangélicas de juventude, em que a sonoridade contemporânea, com uso de bateria, saxofone, palmas, danças e saltos, opera como linguagem privilegiada de evangelização (Santos; Figueiredo, 2009). Mais do que um adorno, a música constitui um recurso de socialização e engajamento, capaz de produzir estados emocionais compartilhados e

experiências de transcendência. Nesse sentido, a análise converge com Campbell e Tsuria (2022), que destacam como a mediação estética e tecnológica é hoje parte integrante da experiência religiosa digital, articulando fé e cultura juvenil contemporânea.

A presença dos bastidores e momentos de expectativa compõe uma quarta categoria, visível em diferentes universidades. Os vídeos com entrevistas (“o que você espera de hoje?”, “defina em uma palavra o que Deus vai fazer”), os anúncios prévios feitos pelo líder, a preparação no “backstage”, tudo isso reforça a dimensão processual da experiência religiosa. Não se trata apenas do culto em si, mas de um ritual ampliado que envolve a preparação, o encontro e a repercussão posterior. Esse aspecto aproxima-se do que Pallarés e Feixa (2000) chamam de “itinerários juvenis”, nos quais a experiência não se reduz ao evento central, mas se estende em processos de construção de expectativas, narrativas e memórias.

A categoria da sociabilidade ampliada aparece de forma mais clara na UERJ, com registros de confraternizações em restaurante e a venda de produtos como moletons. Essa extensão da vivência religiosa para além do culto e do campus universitário aponta para a constituição de um ethos juvenil cristão que abrange consumo, amizade e cotidiano. Conforme Lima e Trasferetti (2010), o mercado religioso e a produção de bens simbólicos se entrelaçam com a experiência de fé, transformando a religião em estilo de vida e identidade social. Ao serem divulgados no Instagram, esses momentos de sociabilidade cotidiana são estetizados e reforçam a ideia de que o Aviva Universitário é mais do que um culto, mas uma comunidade juvenil ativa, em permanente interação.

Se, por um lado, esses elementos reforçam a diversidade das juventudes contemporâneas, que encontram na religião um espaço de expressão, pertencimento e visibilidade, por outro lado, tensionam os limites da universidade pública. A presença de símbolos religiosos, gestualidades de fé e práticas comunitárias em instituições laicas não pode ser interpretada apenas como vivência privada: ela expressa um movimento de disputa pelo espaço público universitário. Como lembra Oro (2005), a laicidade brasileira é marcada por ambiguidades históricas, nas quais a religião nunca esteve totalmente ausente do espaço público. Nesse sentido, a ocupação das universidades pelo Aviva Universitário explicita essas tensões, ao mesmo tempo em que reconfigura o campo das sociabilidades estudantis.

É preciso também considerar que tais práticas produzem novas territorialidades juvenis dentro da universidade. Se a literatura clássica identificava a universidade como espaço de hegemonia de práticas políticas progressistas, a presença de coletivos religiosos conservadores indica uma diversificação do campo (Mogilka, 2020). O Aviva Universitário ressignifica a experiência universitária para jovens evangélicos, permitindo que a fé seja vivida como centralidade identitária dentro de um espaço tradicionalmente marcado pelo secularismo. Esse movimento pode ser lido à luz de Saquet (2018), quando discute o território como espaço em disputa, onde diferentes sujeitos produzem significados e usos, muitas vezes em conflito.

Há ainda um aspecto relevante: a projeção digital dessas experiências. Ao circular no Instagram, as imagens extrapolam o momento vivido e se tornam parte de uma narrativa mais ampla, em que juventude, fé e universidade são reconfiguradas sob uma ótica conservadora. Assim, os stories operam

como dispositivos de memória e propaganda, ressignificando a função da rede social: não apenas comunicar, mas produzir uma identidade pública para a juventude evangélica no espaço universitário. Dessa forma, a análise do conteúdo visual evidencia que o Aviva Universitário articula múltiplas dimensões – simbólicas, corporais, musicais, comunitárias e digitais – na construção de uma narrativa juvenil conservadora no espaço universitário. O que está em jogo não é apenas a realização de cultos, mas a disputa de sentidos sobre o que significa ser jovem, ser universitário e ser religioso em universidades públicas brasileiras.

3.3 Conteúdo textual

A análise do conteúdo textual das postagens do Aviva Universitário revela uma multiplicidade de recursos discursivos mobilizados para comunicar a experiência religiosa no espaço acadêmico. Legendas, slogans, citações bíblicas e falas de jovens e líderes religiosos compõem um repertório linguístico que informa e performa sentidos, projetando no ambiente universitário uma identidade juvenil evangélica marcada pela intensidade espiritual, pela moralidade e pelo pertencimento comunitário.

Uma primeira categoria que se destaca é a dos discursos de convocação e testemunho. Expressões como *“fala, pessoal, nós já estamos aqui dentro da USP”*, *“estamos aqui na porta da UFRGS”* ou *“foi maravilhoso tudo o que Jesus fez aqui, vários entregaram a vida a Jesus”* revelam uma narrativa de presença e conquista simbólica do espaço universitário. Trata-se de uma linguagem performática, que situa o evento como momento histórico e busca legitimar o movimento como protagonista dentro de instituições tradicionalmente associadas ao pensamento crítico e laico. Como sugere Coelho (2016), as juventudes se constituem também na enunciação de sua presença, produzindo narrativas de pertencimento que reconfiguram os territórios em que atuam. Aqui, o discurso não apenas registra um culto, mas marca a universidade como lugar tomado pela experiência religiosa.

Uma segunda categoria refere-se à produção de slogans e palavras de ordem religiosas, como *“só Tu és santo”*, *“Porto Alegre é de Jesus”*, *“ruja o leão, aviva universitário UERJ”* e *“até os confins da terra”*. Esses enunciados condensam mensagens teológicas em fórmulas curtas e impactantes, de fácil circulação digital, funcionando como dispositivos de identidade coletiva. Conforme Pierucci (2008), a força simbólica dos slogans religiosos está em sua capacidade de articular emoção, memória e mobilização, convertendo a fé em prática pública e visível. Nesse sentido, a repetição de fórmulas linguísticas no Aviva Universitário não é apenas estética, mas estratégica, pois projeta a religião como linguagem no espaço acadêmico.

Um terceiro eixo é o das falas de jovens, que aparecem em entrevistas ou registros nos stories. Respostas como *“que nós possamos ser fósforos, quando um queimar, que possamos incendiar todo esse local”* ou a definição em uma palavra do que *“Deus fará hoje”*: *“libertação”*, *“avivamento”*, *“sobrenatural”*, evidenciam uma apropriação juvenil do discurso religioso, na qual metáforas de fogo, luz e movimento articulam a experiência de fé a uma identidade geracional marcada pelo desejo de

transformação. A literatura sobre juventude e religião (Novaes, 2004; 2012) enfatiza que tais discursos funcionam como formas de socialização e afirmação identitária, permitindo que os jovens se reconheçam como sujeitos ativos e portadores de uma missão espiritual dentro do espaço universitário.

Além disso, destaca-se a categoria das falas de líderes e pregadores, que frequentemente associam a experiência religiosa à vida acadêmica. Frases como *“cada vez que você entrar nesse campus, você vai abençoar o corpo docente e o corpo discente”* ou *“as universidades não são cemitérios de cristãos”* revelam uma tentativa explícita de ressignificar o espaço acadêmico sob uma ótica evangélica. Essa apropriação discursiva dialoga com a noção de território como espaço em disputa das juventudes (Oliveira; Pimenta, 2023), no qual diferentes sujeitos atribuem significados e usos que podem se sobrepor ou conflitar. Ao declarar que uma universidade “é de Jesus” ou que deve ser “abençoada” por seus alunos, o movimento tensiona a laicidade institucional e projeta uma territorialidade religiosa que, ao menos, deveria gerar preocupação e temor no espaço público.

Outro aspecto relevante é a articulação entre temporalidade e expectativa, visível em expressões como *“iniciaremos em instantes”*, *“volte seus olhos para Jesus hoje”* e *“até a próxima UnB”*. O texto, nesse caso, constrói um ritual narrativo que envolve preparação, clímax e continuidade, reforçando a ideia de que o culto não é um evento isolado, mas parte de uma trajetória em expansão. Campbell e Tsuria (2022) identificam esse fenômeno como característica da já denominada “religião digitalizada”, na qual as plataformas digitais funcionam como cronotopos de fé: espaços-tempos que articulam o vivido e o projetado, gerando uma comunidade imaginada que ultrapassa a experiência presencial.

130

Chama atenção também a presença de citações bíblicas e interjeições religiosas — como *“maranata! Traz o céu e desce”* ou *“todo joelho se dobrará”* — que inserem o discurso juvenil em uma tradição teológica mais ampla. Essa ancoragem na bíblia confere legitimidade e autoridade às práticas, situando o Aviva Universitário em continuidade com a narrativa cristã histórica. Ao mesmo tempo, a atualização dessas citações em linguagens digitais e contextos universitários revela um processo de tradução cultural da fé, em que os textos sagrados são reinscritos no cotidiano da juventude contemporânea.

De modo geral, observa-se que o conteúdo textual mobilizado pelo Aviva Universitário articula elementos de convocação, slogans identitários, metáforas juvenis, discursos de líderes e citações bíblicas, produzindo uma narrativa polifônica que combina tradição religiosa e cultura digital. Essa multiplicidade discursiva reflete uma estratégia consciente de engajamento, na qual diferentes registros de linguagem, ora mais afetivos e espontâneos, ora mais solenes e teológicos, são acionados para atingir públicos diversos dentro do espaço universitário. A heterogeneidade de vozes não compromete a unidade do movimento; pelo contrário, reforça sua capacidade de apresentar-se como comunidade plural, mas coesa em torno da fé cristã. Essa dinâmica dialoga com o que Fernandes (2013) identifica como característica central das juventudes religiosas: a capacidade de transitar entre linguagens, estilos e performances, combinando tradição e inovação para assegurar reconhecimento e pertencimento.

Se, por um lado, tais práticas discursivas reforçam a diversidade das juventudes contemporâneas, que encontram na fé evangélica um espaço de expressão e protagonismo, por outro

lado, explicitam as tensões que emergem quando a religião se inscreve no espaço universitário. O fato de que frases como “a UFRGS é de Jesus” ou “as universidades não são cemitérios de cristãos” sejam proclamadas em instituições públicas revela uma disputa simbólica pela definição da universidade como território. Esse processo conecta-se ao que Haesbaert (2003) denomina de produção territorial, em que sujeitos sociais atribuem sentidos específicos aos espaços, muitas vezes em conflito com concepções institucionais e históricas já consolidadas. Assim, o campus, tradicionalmente associado ao secularismo, à ciência e ao pensamento crítico, passa a ser reconfigurado como palco de experiências espirituais, gerando uma tensão constitutiva entre a laicidade institucional e a performatividade religiosa juvenil.

Essa tensão torna-se ainda mais evidente quando consideramos que a laicidade brasileira, longe de significar neutralidade absoluta do Estado em relação à religião, é marcada por ambiguidades históricas (Oro, 2005). A circulação de slogans religiosos em universidades públicas não é, portanto, um desvio isolado, mas parte de um processo mais amplo no qual a religião ocupa continuamente o espaço público, redefinindo seus limites e funções. No caso do Aviva Universitário, a textualidade digital reforça esse movimento ao transformar falas e slogans em marcas visíveis de presença religiosa, projetadas tanto para os participantes quanto para o público externo que acompanha os eventos pelo Instagram. Nesse sentido, os discursos buscam construir pertencimento interno, ao também reivindicar legitimidade externa, inscrevendo a religião como linguagem pública hipoteticamente aceitável e até mesmo desejável (por incrível que possa parecer) no contexto acadêmico.

131

Outro ponto relevante é que essa textualidade não se limita a um plano discursivo, mas funciona como prática performativa que contribui para a constituição de identidades juvenis evangélicas. O discurso não apenas descreve a realidade, mas cria efeitos de realidade, instituindo modos de ser e de agir. Quando jovens declaram em uníssono que “somos cheios” ou que “até os confins da terra” serão alcançados, não estão apenas reproduzindo fórmulas litúrgicas, mas performando uma identidade coletiva que se quer expansionista, mobilizadora e protagonista no espaço universitário. O texto, nesse caso, opera como ato político, na medida em que inscreve a juventude evangélica no debate sobre os sentidos da universidade.

Essa performatividade discursiva encontra paralelo em outras formas de engajamento juvenil, mas apresenta especificidades. Enquanto movimentos estudantis progressistas recorrem a palavras de ordem ligadas a direitos sociais, democracia e transformação política, o Aviva Universitário mobiliza um repertório religioso que associa juventude à missão espiritual e ao protagonismo evangélico. Essa diferença não elimina o caráter político do movimento, mas o reconfigura em chave religiosa, deslocando os termos da disputa para o campo da moralidade, da espiritualidade e da autoridade divina. Assim, o conteúdo textual documenta um culto e estabelece uma gramática própria de engajamento, que posiciona os jovens evangélicos como atores na vida universitária, ainda que sua legitimidade seja questionada.

4 Conclusão

O presente artigo buscou compreender como o movimento Aviva Universitário se apresenta e constrói narrativas no espaço acadêmico brasileiro, articulando juventude, religião e conservadorismo. Partindo de uma abordagem qualitativa, exploratória e configurada como estudo de caso, analisamos postagens “destaques” no Instagram referentes a atividades realizadas em seis universidades públicas. O recorte empírico privilegiou a produção digital do próprio movimento, entendendo-a como narrativa estratégica e performativa, que, ao mesmo tempo em que documenta eventos, produz sentidos e novas territorialidades no campo universitário.

Os resultados referentes à temporalidade, espacialidade e características gerais das postagens indicaram que o Aviva Universitário adota diferentes padrões de comunicação, ora concentrados nos dias de culto, ora precedidos por campanhas de mobilização digital. A presença nos campi evidenciou disputas em torno do uso do espaço público universitário, particularmente no caso da UFRGS, onde a realização foi deslocada para fora do campus. Além disso, a recorrência de cultos noturnos destacou a dimensão estética e pragmática das atividades, que associam engajamento juvenil, experiência sensorial e inserção simbólica em universidades de grande visibilidade social.

A análise do conteúdo visual revelou a centralidade da estética, da performance corporal e da musicalidade na produção de pertencimento juvenil. Símbolos religiosos, gestualidades compartilhadas, enquadramentos coletivos e bastidores reforçaram a narrativa de uma juventude em êxtase espiritual e comunhão, em diálogo com tradições evangélicas contemporâneas que fazem da forma e da experiência estética parte constitutiva da fé. Observou-se ainda a expansão do culto para além do espaço acadêmico, por meio de sociabilidades e práticas de consumo que prolongam a experiência religiosa em outros tempos e lugares, compondo um *ethos* comunitário juvenil.

No conteúdo textual, destacou-se a multiplicidade discursiva mobilizada pelo movimento. Convocações, slogans, metáforas de fogo e luz, falas de líderes e citações bíblicas foram acionadas para ressignificar a universidade como território de fé. Esse repertório performativo, que documenta eventos, constrói uma gramática própria de engajamento, na qual a identidade evangélica juvenil tende a se afirmar como protagonista no espaço acadêmico. As tensões entre laicidade e religiosidade, ciência e espiritualidade, mostraram-se evidentes, revelando a disputa simbólica pela definição dos sentidos da universidade pública.

De modo geral, o estudo evidencia que o Aviva Universitário articula diferentes dimensões: espacial, estética, textual e digital na produção de territorialidades religiosas no espaço acadêmico. A universidade, tradicionalmente associada ao pensamento crítico e à militância progressista, passa a ser também palco de mobilizações conservadoras juvenis, que investem na fé como identidade coletiva e na estética digital como estratégia de visibilidade. Trata-se de um movimento que reafirma a pluralidade das juventudes contemporâneas, mas também reconfigura os debates em torno da laicidade, da política estudantil e da própria função da universidade.

A atuação do Aviva Universitário não pode ser compreendida apenas como mobilização interna à comunidade estudantil, mas deve ser situada no fenômeno mais amplo de expansão de atores evangélicos no espaço público brasileiro (Mariano, 2016). Diversos estudos têm demonstrado que coletivos evangélicos vêm ocupando escolas, praças, câmaras municipais e políticas de juventude (Prandi; Santos, 2017). As universidades constituem, portanto, apenas uma das novas fronteiras dessa expansão, e o Aviva se insere nesse processo ao reivindicar legitimidade religiosa em um espaço historicamente marcado pelo secularismo, como é o caso das Universidades públicas.

Ainda que contribua para compreender a emergência de juventudes conservadoras no Brasil, a pesquisa apresenta limitações. O recorte empírico, centrado nas postagens do Instagram, não captou percepções individuais dos participantes nem a totalidade das práticas presenciais. Futuras investigações podem ampliar a análise para outras plataformas digitais, realizar etnografias presenciais nos cultos, entrevistar participantes e explorar comparativamente experiências em universidades privadas ou em outros países latino-americanos. Essas abordagens podem enriquecer a compreensão sobre como religião, juventude e conservadorismo se articulam na contemporaneidade.

Esse cenário lança um alerta para todos aqueles que seguem acreditando nos valores iluministas que historicamente fundamentaram a universidade pública: a defesa da ciência, da razão crítica, da pluralidade e da liberdade de pensamento. A emergência de territorialidades religiosas conservadoras desafia esses princípios e obriga-nos a repensar suas formas de atualização e defesa no contexto contemporâneo. Como geógrafo que pesquisa juventudes e suas territorialidades, reconheço que este estudo não se limita a um exercício analítico, mas também se inscreve em um esforço de compreender os modos pelos quais jovens reconfiguram o espaço universitário. O olhar geográfico permite iluminar como as práticas religiosas se territorializam, produzindo sentidos que tensionam tanto a laicidade institucional quanto as formas de sociabilidade estudantil.

Esse estudo reitera a importância de compreender as juventudes em sua tradição progressista, bem como em suas expressões conservadoras, que vêm ocupando novos espaços e projetando identidades em disputa. O Aviva Universitário, ao conjugar espiritualidade, estética digital e presença acadêmica, ilustra os múltiplos modos pelos quais jovens ressignificam a universidade e ampliam o espectro das mobilizações juvenis. Reconhecer tais processos é condição necessária para que a análise acadêmica siga atenta às transformações sociais em curso, iluminando tensões e potencialidades de um campo juvenil cada vez mais diversos, complexo e desafiador.

5 Referências

ANTONELLO, I.B. **O voto jovem optativo nas eleições de 2022 e os sintomas da socialização política no Brasil.** 2023. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Sociais) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2023. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/267409>. Acesso em: 29 ago. 2025.

ARAÚJO, R. O; PEREZ, O. C. Juventudes conservadoras: análise a partir das clivagens sociais do gênero, raça, classe e religião. **Revista de Políticas Públicas**, v. 29, n. 1, p. 141–159, 12 Jun 2025 Disponível em: <https://cajapio.ufma.br/index.php/rppublica/article/view/24561>. Acesso em: 29 ago. 2025.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.

BERKENBROCK, V. J; COSTA, K. A. Jovens evangélicos universitários: a resignificação da crença e da prática religiosa. **Interações: Cultura e Comunidade**, Belo Horizonte, v. 13, n. 24, p. 414–435, dez. 2018. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=313058154013>. Acesso em: 30 ago. 2025.

COELHO, G. “Sentir para entender”: juventude, presença e sentidos. **Polêm!ca**, [S. l.], v. 16, n. 4, p. 001–012, 2016. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/polemica/article/view/26456>. Acesso em: 30 ago. 2025.

COSTA, W.de S R. Notas etnográficas sobre a música em um culto jovem evangélico: diversão, arte, liturgia e espiritualidade. **Sacrilegens**, Juiz de Fora, v. 11, n. 2, p. 52–72, jul.–dez. 2014. Disponível em: <http://www.ufjf.br/sacrilegens/files/2015/02/11-2-5.pdf>. Acesso em: 30 ago. 2025.

134

CAMPBELL, H; TSURIA, R (orgs.). **Digital religion: understanding religious practice in digital media**. London: Routledge, 2022.

DIAS, D. L; DOULA, S. M; CARDOSO, P. O. Participação política nas redes sociais: um estudo com jovens universitários. **Revista Sociais & Humanas**, Santa Maria, v. 30, n. 1, p. 167-182, 2017. Disponível em: https://www.academia.edu/download/53678286/SH_ED1_2017_ART8.pdf. Acesso em: 29 ago. 2025.

FERNANDES, D. Juventudes, geografia e religião: reflexões a partir das noções de forma simbólica e habitus. **RA'E GA**, Curitiba, v. 27, p. 67–93, 2013. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/raega/article/download/30417/19693>. Acesso em: 30 ago. 2025.

FLICK, U. **Desenho da pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Artmed, 2009. 164 p. Il. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/lil-591644>. Acesso em: 29 ago. 2025.

FORACCHI, M. **O estudante e a transformação da sociedade brasileira**. São Paulo: Nacional, 1965.

GIUMBELLI, E. A. Nos limites do gospel: notas sobre música e religião evangélica. **Religare: Revista do Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões da UFPB**, João Pessoa, v. 15, n. 1, p. 217–242, ago. 2018. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/263134>. Acesso em: 30 ago. 2025.

GIUMBELLI, E. A. **Símbolos religiosos em controvérsias**. São Paulo: Terceiro Nome, 2014.

GODINHO, D. M da S; CARVALHO, C. de S; SOUZA, S. J. Experiências religiosas da juventude contemporânea: indagações sobre fé, secularização, ética e política. **Revista Psicologia Política**, São Paulo, v. 14, n. 29, p. 71-89, abr. 2014. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1519-549X2014000100010&script=sci_arttext. Acesso em: 29 ago. 2025.

HAESBAERT, R. Da desterritorialização à multiterritorialidade. **Boletim Gaúcho de Geografia**, Porto Alegre, v. 29, n. 1, 2003. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/bgg/article/view/38739>. Acesso em: 30 ago. 2025.

HAGE, Z. C. M; KUBLIKOWSKI, I. Estilos de uso e significados dos autorretratos no Instagram: identidades narrativas de adultos jovens brasileiros. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 2, p. 522–539, maio–ago. 2019. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/4518/451860505011/451860505011.pdf>. Acesso em: 29 ago. 2025.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo demográfico 2022: características gerais da população e dos domicílios – Resultados da Amostra**. Rio de Janeiro: IBGE, 2023. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br>. Acesso em: 28 nov. 2025.

LEITÃO, A. S. O verdadeiro povo de Deus: reflexões sobre grupo evangélico judaizante e outras práticas de filosemitismo no Brasil. **Debates do NER**, [S. l.], 2022. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/debatesdoner/article/view/127623>. Acesso em: 30 ago. 2025.

LEITE, R. P. Contra-usos e espaço público: notas sobre a construção social dos lugares na Manguetown. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 17, n. 49, p. 115–134, jun. 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbcsoc/a/v6ync4yt8tMpKWYRrvTpR5p/>. Acesso em: 30 ago. 2025.

LIMA, M. É; TRASFERETTI, J. O cenário religioso de bens simbólicos: da produção ao consumo. **Comunicação & Inovação**, [S. l.], v. 8, n. 15, 2010. Disponível em:

https://www.seer.uscs.edu.br/index.php/revista_comunicacao_inovacao/article/view/681. Acesso em: 30 ago. 2025.

MARIANO, R. Expansão e ativismo político de grupos evangélicos conservadores: Secularização e pluralismo em debate. **Civitas - Revista de Ciências Sociais**, v. 16, n. 4, p. 708–726, 2016.

Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/civitas/a/z7fRrBCtnj6gHpDyNWByTYH/?format=html&lang=pt> Acesso em: 28 nov. 2025.

MEDEIROS, J. da S. Considerações sobre a esfera pública: redes sociais na internet e participação política. **Transinformação**, Campinas, v. 25, n. 1, p. 27-33, jan./abr. 2013. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/tinf/a/55V8ZbVsCHtdP6CCRrXgbWB/?format=html&lang=pt>. Acesso em: 29 ago. 2025.

MEZZOMO, F. A *et al.* “Tocai a trombeta entre as nações”: Dia do Evangélico e a construção de uma cultura pública evangélica. **Religare**, São Paulo, v. 17, n. 2, p. 651–672, dez. 2020. Disponível em:

https://www.researchgate.net/profile/Brandon-Anjos/publication/360472466_Tocai_a_trombeta_entre_as_nacoes_Dia_do_Evangélico_e_a_construcao_de_uma_cultura_publica_evangelica/links/627915ca973bbb29cc6eba05/Tocai-a-trombeta-entre-as-nacoes-Dia-do-Evangélico-e-a-construcao-de-uma-cultura-publica-evangelica.pdf. Acesso em: 30 ago. 2025.

MOGILKA, M. Ascensão da extrema-direita e reconstrução do campo progressista no Brasil.

Revista Eletrônica de Humanidades do Curso de Ciências Sociais da UNIFAP, Macapá, v. 13, n. 4, p. 463–474, jul.–dez. 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/33738>.

Acesso em: 30 ago. 2025.

NOVAES, R. Juventude e religião, sinais do tempo experimentado. Interseções: **Revista de Estudos Interdisciplinares**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 2, p. 351-368, jan./jun. 2018. Disponível em:

<https://www.redalyc.org/journal/412/41276444006/41276444006.pdf>. Acesso em: 29 ago. 2025.

NOVAES, R. Os jovens “sem religião”: ventos secularizantes, “espírito de época” e novos sincretismos. Notas preliminares. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 18, n. 52, p. 321–330, dez. 2004. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/ea/a/HfVpVQGhx3CKwZF4mPHBwWp/>. Acesso em: 30 ago. 2025.

NOVAES, R. Juventude, religião e espaço público: exemplos “bons para pensar” tempos e sinais.

Religião & Sociedade, Rio de Janeiro, v. 32, n. 1, p. 184–208, 2012. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/rs/a/ctrQNc8fpdvZxPLdRjpQsdR/>. Acesso em: 30 ago. 2025.

OLIVEIRA, V.H; PIMENTA, M. de M (orgs.). **Juventudes e Territórios**. Porto Alegre, RS:

GEPJUVE, 2023. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/256981>. Acesso em: 30 ago. 2025.

ORO, A. P. Religião e política no Brasil. **Cahiers des Amériques latines**, Paris, n. 48-49, p. 204–

222, 2005. Disponível em: <https://journals.openedition.org/cal/7951>. Acesso em: 30 ago. 2025.

PALLARÉS, J; FEIXA, C. Espacios e itinerarios para el ocio juvenil nocturno. **Revista de Estudios de Juventud**, Madrid, n. 50, 2000. Disponível em:

<https://repositori.udl.cat/server/api/core/bitstreams/34cf7e73-6f9f-47b4-9788-fe1a504e7797/content>. Acesso em: 30 ago. 2025.

PEREZ, O. C; ARAÚJO, R. de O. Gênero, raça e classe dos eleitores jovens conservadores e progressistas. **Revista Agenda Política**, [S. l.], v. 11, n. 3, p. 114–126, 2023. Disponível em:

<https://www.agendapolitica.ufscar.br/index.php/agendapolitica/article/view/1172>. Acesso em: 30 ago. 2025.

PIERUCCI, A. F. De olho na modernidade religiosa. **Tempo Social**, São Paulo, v. 20, n. 2, p. 9–16, nov. 2008. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/ts/a/CWXGfjkWSPJRj35Cz8p9q/?format=html&stop=previous&lang=pt>. Acesso em: 30 ago. 2025.

PRANDI, R; SANTOS, R. W. Quem tem medo da bancada evangélica? Posições sobre moralidade e política no eleitorado brasileiro, no Congresso Nacional e na Frente Parlamentar Evangélica. **Tempo Social**, v. 29, n. 2, p. 187–214, 2017. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/ts/a/GGc54bzbNRHfcQGMnnQmfmx/?lang=pt>. Acesso em: 28 nov. 2025.

QUIJANO, P. Jóvenes y cultura digital: abordajes críticos desde América Latina. **Chasqui. Revista Latinoamericana de Comunicación**, Quito, n. 137, p. 13-28, abr.-jul. 2018. Disponível em:

<https://repositorio.flacsoandes.edu.ec/handle/10469/14345>. Acesso em: 29 ago. 2025.

SANTOS, T. **A universidade não é templo religioso**. SUL 21, [s.l.], 20 ago. 2025. Disponível em: <https://sul21.com.br/opiniaio/2025/08/a-universidade-nao-e-templo-religioso-por-tiago-santos/>. Acesso em: 30 ago. 2025.

SANTOS, G. C; FIGUEIREDO, M. F. Bola de Neve Church: a mudança no discurso evangélico do Brasil. **Diálogos Pertinentes – Revista Científica de Letras**, Franca (SP), v. 5, n. 5, p. 59–76, jan.–dez. 2009.

SAQUET, M. A descoberta do território e outras premissas do desenvolvimento territorial. **Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 3, p. 479–505, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.22296/2317-1529.2018v20n3p479>. Acesso em: 30 ago. 2025.

SBARDELOTTO, M. Religião pública: desdobramentos da midiaticização da religião na cultura digital. **Tear Online: Revista de Educação, Ciência e Tecnologia (Online)**, São Leopoldo, v. 3, n. 1, p. 73–86, jan./jun. 2014. Disponível em: <http://periodicos.est.edu.br/index.php/tear/article/view/2053>. Acesso em: 30 ago. 2025.

SOFIATI, F. M. Juventudes e religiões: notas dialético-compreensivas. In: OLIVEIRA, Victor Hugo Nedel (org.). **Debates sobre Juventudes**. Porto Alegre: GEPJUVE, 2023. Disponível em: <https://publicacoes.even3.com.br/book/debates-sobre-juventudes-1489275>. Acesso em: 29 ago. 2025.

VENTURA, Magda Maria. O estudo de caso como modalidade de pesquisa. **Revista da Sociedade de Cardiologia do Estado do Rio de Janeiro**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 5, p. 383–386, set./out. 2007. Disponível em: http://sociedades.cardiol.br/socerj/revista/2007_05/a2007_v20_n05_art10.pdf. Acesso em: 29 ago. 2025.

VOMMARO, Pablo. Democracia, juventudes y políticas: desafíos vistos desde el protagonismo juvenil. In: **Avances, tensiones y desafíos**. Viedma: Defensoría del Pueblo de la Provincia de Río Negro, 2023. p. 155-160. Disponível em: https://defensoria.viedma.gob.ar/wp-content/uploads/2024/09/dossier_democracia40anos.pdf#page=155. Acesso em: 29 ago. 2025.

WELLER, Wivian; BASSALO, Lucélia de Moraes Braga. A insurgência de uma geração de jovens conservadores: reflexões a partir de Karl Mannheim. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 34, n. 99, p. 391-408, maio/ago. 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/pqX37cMZHx564PgXzYFSfRr/?format=html&lang=pt>. Acesso em: 29 ago. 2025.

Evangelical Youth and Networked Religion: territorialities and Disputes of Meaning in the Public University

ABSTRACT: This article analyzes the Aviva Universitário movement as an expression of Brazilian evangelical youth within the academic sphere. The research, qualitative and exploratory in nature, is configured as a case study based on posts from the movement's official Instagram profile, related to activities carried out in six public universities. The analysis combined content, discourse, and digital aesthetic procedures, highlighting how Aviva mobilizes temporalities, spatialities, visual symbols, bodily performances, textual narratives, and musical resources to affirm an evangelical youth identity. The results reveal disputes over the definition of the meanings of public university, tensions between secularity and religiosity, as well as the centrality of social media in the constitution of religious youth communities. The study contributes to understanding the emergence of conservative youth in Brazil, shedding light on their actions in university territories and their implications for the contemporary democratic debate.

KEYWORDS: evangelical youth; public university; Religion; social media; disputes of meaning.

Juventudes Evangélicas y Religión en Red: territorialidades y Disputas de Sentidos en la Universidad Pública

139

RESUMEN: El artículo analiza el movimiento Aviva Universitário como una expresión de las juventudes evangélicas brasileñas en el espacio académico. La investigación, de carácter cualitativo y exploratorio, se configura como un estudio de caso a partir de las publicaciones del perfil oficial del movimiento en Instagram, referentes a actividades realizadas en seis universidades públicas. El análisis combinó procedimientos de contenido, discursivos y estéticos digitales, evidenciando cómo Aviva moviliza temporalidades, espacialidades, símbolos visuales, performances corporales, narrativas textuales y recursos musicales para afirmar una identidad juvenil evangélica. Los resultados revelan disputas en torno a la definición de los sentidos de la universidad pública, tensiones entre laicidad y religiosidad, así como la centralidad de las redes sociales en la constitución de comunidades juveniles religiosas. El estudio contribuye a comprender la emergencia de las juventudes conservadoras en Brasil, iluminando su actuación en los territorios universitarios y sus implicaciones para el debate democrático contemporáneo.

PALABRAS CLAVE: Juventudes evangélicas; Universidad pública; Religión; Redes sociales; Disputas de sentidos.